

«OS PORTUGUESES TÊM O DIREITO DE EXIGIR QUE OS GOVERNANTES PONHAM OS INTERESSES DA NAÇÃO ACIMA DOS JOGOS PARTIDÁRIOS».

D. EURICO NOGUEIRA
Arcebispo de Braga

A Voz de LOULÉ

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

(Preço avulso: 5\$00)

N.º 694

Composição e Impressão
«GRÁFICA EDITORA»
Av. João Ferreira da Maia, 20
Telef. 92091 RIO MAIOR

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO

José Maria da Piedade Barros

Redacção e Administração
GRÁFICA LOULETANA
Rua Marechal Gomes da Costa
Telef. 6 25 36 LOULÉ

ANO XXVI

28/9/78

HAJA MISERICÓRDIA para com a Misericórdia de Loulé

■ É TEMPO DE REPARAR OS PREJUÍZOS CAUSADOS
AS INSTITUIÇÕES DE MISERICÓRDIA!

Para sermos francos e deixarmos os eufemismos e as metáforas no tinteiro, a Misericórdia de Loulé não precisa daquilo que generosamente tem constituído desde os seus primórdios a sua razão de ser: conceder lenitivo e mitigar as agruras e as carências dos mais necessitados e desamparados. Isto é, a Misericórdia de Loulé não depende da misericórdia alheia, mas os seus protegidos (esses sim), aqueles que por seu intermédio (porquanto se envergonham de estender a mão à caridade pública) vão beneficiando do calor moral e material das suas dádivas e da sua acção altruísta.

Por outras palavras poderá dizer-se que a Misericórdia de Loulé, o que pretende, para cumprimento do seu postulado, é a solidariedade e a cooperação dos que podem e daqueles (muitos são ainda) que nutrem pelos mais desfavorecidos da sorte, sentimentos de comiserção e afeição.

Ainda recentemente, num comunicado lançado neste jornal, a Santa Casa da Misericórdia de

Loulé, depois de passar em sumária revista os acontecimentos que perturbaram a dado momento a sua vivência (como das demais Misericórdias espalhadas pelo País) ao ponto de ter feito soçobrar a sua própria Mesa gestora, levanta a voz para anunciar que se mantém viva «uma Instituição velha de séculos» e «que nem tudo está perdido»!

Com efeito, a Comissão Administrativa que se encontra a reger actualmente os destinos da Misericórdia de Loulé, depois de aludir ao facto de ter sido despojada do seu hospital e de que, por consequência «curar os enfermos é

agora tarefa do Estado», lembra que tem ainda inscritos no seu devocionário 13 deveres e entre eles, sob o lema «consolar os tristes», o de lançar-se em obras de assistência à 3.ª idade, designadamente, à abertura de lares e centros onde se possam acolher e recomfortar pessoas idosas e senis.

Como se sabe o projecto que se propõe atingir (não classificar de ambicioso mas de ponderoso) é de custo financeiro elevado para o qual lhe falecem os recursos que estão reduzidos ao mínimo.

Por isso se dirige não só aos seus mais antigos Irmãos (católicos ajuramentados ao compromisso de obras de misericórdia), como a possíveis e eventuais amigos

(continua na pág. 3)

REMODELAÇÃO DA CRECHE E DO JARDIM DE INFÂNCIA DE LOULÉ

■ A EMPREITADA ORÇA (PREÇO BASE)
OS 4.489 CONTOS

Pela Comissão de Equipamentos Colectivos da Secretaria de Estado da Segurança Social, foi aberto concurso público, que tem por objecto uma completa remodelação e ampliação da Creche e Jardim de Infância de Loulé, obras estas, de certo vulto, que virão proporcionar sensível melhoria funcional àquele estabelecimento de carácter e utilidade vincadamente sociais.

A remodelação aludida, como se depreende, incide em todas as dependências e áreas afectas. Desto modo está prevista a remodelação da zona administrativa, da zo-

na de serviços, do Jardim de Infância e Creche, bem como a ampliação do módulo cozinha-copodespensa e melhoramentos dos espaços exteriores.

Com alguns detalhes pode-se ajuizar que a «zona administrativa», depois de concluídas as obras adjudicadas, passará a dispor de um gabinete para pessoal técnico, independentemente do pessoal de serviço.

Com a solução em vista propõe-se um mais fácil contacto entre a direcção e pessoal técnico na preparação de trabalhos didácticos e ainda melhor localização da secretaria.

As correcções a introduzir na chamada «zona de serviços» ainda que consideradas ligeiras, visam a definição de espaços de tratamento de roupas, lavanderia, engomadoria e arrecadação e ainda dotação de equipamento adequado às exigências das suas funções.

No tocante ao Jardim de Infância, com capacidade estimada para 75 crianças, são as dependências que lhe estão adstritas as que, devido ao seu estado notório de degradação, as que carecem de mais ampla intervenção restauradora, inclusivamente a parte sanitária que será completamente renovada.

Na Creche, as alterações esboçadas foram formuladas de molde a ajustar as posições da copa de leite e dispensário/banho, e a

(continua na pág. 3)

O PLANEAMENTO DO TURISMO (2)

Dos objectivos de um plano à confiança da iniciativa privada

Um artigo de
JOSÉ MANUEL MENDES

Dámos início na semana passada, nas páginas de «A Voz de Loulé», à abordagem da temática Turismo, encarada na sua perspectiva de Planeamento, com o objectivo de, por algum modo, contribuir para o aprofundamento do estudo de um sector vital para a nossa economia.

Trata-se, como era inevitável, de uma análise essencialmente teorizada, mas cuja aplicação prática já ultrapassou de há muito o simples desempenho de «enchimento de algarismo», e já provou em múltiplas partes do mundo a sua eficácia, e a necessidade que existe de constantemente desenvolver as técnicas de como planear o Turismo.

O que assistimos hoje, no nosso País, é um Turismo autogestio-

nário e desconexado, com pequenas ilhas de honrosa e salutar excepção, mas sobretudo assistimos ao alargamento contínuo do fosso entre o País turístico e o País real, que somos nós, os de cá, o Zé

(continua na pág. 2)

RALI DO ALGARVE DE 1978 organizado pelo Racial Clube de Silves suscita amplo interesse

O Rali do Algarve de 1978, que conta para o Campeonato da Europa da modalidade, efectua-se de 2 a 5 de Novembro, num total de 1260 quilómetros, com 33 provas de classificação.

Em recente reunião, os promo-

tores desta espectacular prova, teceram referências às alterações técnicas do Rali e à orgânica da prova, cujas etapas começam e acabam na Aldeia das Açoteias. Igualmente divulgaram que além

(continua na pág. 4)

O espectáculo português

Por. MANEL DE QUERENÇA

Para quem como nós vive no estrangeiro com o coração em Portugal por ser pátria sua, com o ouvido alerta do que a propósito do nosso país se diz cá por fora, por vezes em voz baixa, a propósito do triste espectáculo que

os nossos políticos oferecem ao mundo que os observa e julga, não pode deixar de sentir apodrar-se de si, uma imensa tristeza. Essa tristeza é ainda maior, quando se passam algumas semanas em Portugal — como foi agora o nosso caso — e se constata que, infelizmente, — a realidade excede a ficção.

Numa espécie de entrevista dada a «PORTUGAL», revista editada por (continua na pág. 2)

ANOTAMOS
SEM COMENTÁRIOS:

11 toneladas de bacalhau
apodrecido
num barco em Lisboa

Perto de 11 toneladas de bacalhau deteriorado nos porões do navio «João da Nova», ancorado na doca do Entrepósito de Santa Apolónia e imobilizado em consequência da greve da Marinha Mercante, foram removidas para Beiroles, onde foram queimadas.

O produto, ao que se aventa oriundo do Norte da Europa, era destinado a Ponta Delgada.

Homenagem

ao Dr. Mário Lyster Franco

No passado Sábado, 9 de Setembro, em Faro, na residência do Dr. Mário Lyster Franco, foi este ilustre algarvio homenageado por iniciativa da Casa do Algarve e do Grupo de Estudos Algarvios.

Inicialmente previsto um vasto programa evocativo da vida e obra de Mário Lyster Franco, mostrou o homenageado desejo de que tudo se resumisse a um breve en-

(continua na pág. 4)

A NECESSIDADE DE RECONHECER, ESTREITAR E FORTALECER OS LAÇOS QUE UNEM OS PORTUGUESES DISPERSOS PELO MUNDO CONDUZIR-NOS-Á CERTAMENTE A FORMULAR UMA NOVA FILOSOFIA DA EMIGRAÇÃO.

RAMALHO EANES

O planeamento do turismo

(continuação da pág. 1)

Pagante, o Zé Contribuinte, o Zé Explorado de todos os dias do ano, escravo da inflação de arrendamento, vá lá, beneficiando aqui e acolá por este ou aquele acontecimento ou estrutura, beneficiando por tabela ou via indirecta, mas também, já o dissémos, compatriota da tal legião de usurários e contrabandistas do Povo, que se aproveitam do caos reinante, ou por isso mesmo, são reis no país do caos.

Enfim, não é tudo que está mal, mas é muita coisa que urge ser modificada, e por alguma ponta se tem que pegar mais dia menos dia, sob pena de embatermos no tal beco sem saída, mas sem esquecer que para isso também é precisa força, sentido e orientação bem definidas, da parte de quem gere, organiza e exerce o poder não só das armas, mas dos cofres deste País.

Aqui surge o Planeamento. O braço auxiliar dos órgãos de decisão. O cérebro que opera na sombra. A mão invisível e tecnocrática que terá de trabalhar objectivamente. Sobre tudo. Uma objectividade em prol dos interesses da comunidade, defendida ao máximo das pequenas e grandes pressões individuais, de grupos, de partidos e de toda uma caterva de interesses mesquinhos e sectários.

É nesta actuação de colagem da teoria do Planeamento à prática, que surge a necessidade dos contributos de referência exaustiva e localizada de descrição da realidade, e do apontar das necessidades específicas de cada terra, concelho, província ou país, tal como, muito bem, um colaborador destas páginas desenvolveu ao longo das últimas semanas. Sem uma visão muito límpida do quadro em que se insere uma realidade económica que se pretende modificar, é impossível ao planeador exercer correctamente a sua função.

Mas vamos, após estas linhas introdutórias, retomar o fio da meada. Tínhamos apontado como objectivos prioritários na elaboração de um Plano de Desenvolvimento do Turismo, o aumento global do número de turistas, e o incremento da despesa média por turista.

Vejamos agora que tipo de acções haverá que desenvolver para atingir tal tipo de metas.

MOBÍLIAS

Comprim-se, usadas, em qualquer estilo ou peças soltas.

Nesta redacção se informa.

PASTOR ALEMÃO

VENDE-SE

Casal, 3 meses, Reg. L. O. P. Ótimo pedigree.

Telef. 22594 — TAVIRA. (2-2)

ELECTRICISTA

ADMITE-SE

Com experiência de força motriz e automáticos.

Nesta redacção se informa.

VENDE-SE

Terreno c/ aproximadamente 2 700 m2, com óptimas vistas, para construção, junto estrada Loulé-Faro, c/ água e luz.

Informa Quiosque El e Ela em frente aos correios de Loulé.

No que respeita ao aumento global do número de turistas há que proceder desde logo à intensificação e ao aperfeiçoamento das acções de promoção turística e lançando mesmo mão de novas técnicas mais eficientes, tendo em vista um objectivo fundamental: a diversificação das motivações da procura.

Por muito que isso pese a muita gente, e mau grado a melhoria relativa nos calendários de animação ocorridos de há dois anos a esta parte, o Turismo em Portugal continua assente preferencialmente na fórmula do «sol, praia e amor», que até vem confirmada nalguns inquéritos realizados sobre os gostos dos turistas, mas que conduz a esta situação de todos nós conhecida e tragicamente caricata: nadamos em fartura de multidão nos meses de canícula, e gelam os estabelecimentos de actividade turística nos restantes meses do ano.

E porquê, se passa isto?

Porque não tem sido promovida uma política coerente e com suficiente base de apoio no sentido de diversificar a motivação que traz o turista ao nosso País. Vejamos. Que mais temos para oferecer a quem nos visita, aqui no Algarve, por exemplo, do que o circuito litoral de praias que mais parecem formigueiros de pessoas e de automóveis? Porque se não promovem as estâncias termas? E as reservas de caça e pesca? E as pousadas nas serras? E os centros de artesanato? E os centros culturais? E centros de trabalho para jovens estrangeiros? E centros e salões culturais? E se promove o Turismo juvenil? E os campos para o turismo da terceira idade? Tudo isto, porque o Turismo carece de ser planeado.

Paralelamente, exige-se a intensificação das acções de penetração nos mercados que possuam grandes volumes de população e altos níveis de vida.

É com este objectivo que as acções de atracção do turismo externo terão que ser intensificadas através da publicidade, das exposições, das relações públicas, o que implica um investimento decidido e em força neste campo promocional. Por exemplo, aqui mesmo ao lado, a nossa vizinha Espanha, de 1972 a 1975 investiu cerca de um milhão de contos só na captação promocional do turismo externo, que é aquele que influi decisivamente na balança de pagamentos.

Outro ponto a atender, consiste no aproveitamento óptimo das capacidades já existentes, na modernização e ampliação da oferta turística, no aperfeiçoamento das respectivas infraestruturas.

Trata-se, no fundo, de um revisionismo turístico, numa negação da política de terra queimada que se pretendeu em certa altura do

PREC impôr, ou seja, há é que dar nova vida ao que já existe, e pensar em construir em termos e olhos postos no futuro.

É por isso importante, e já o focámos há pouco, o fomento da promoção e da oferta turística em novas zonas. Também aqui se realiza a assência definitiva do Turismo como actividade produtiva, que conduz ao conhecimento pleno da realidade geográfica e humana, e contribui para uma melhor redistribuição territorial do Rendimento Nacional.

Dentro destes parâmetros, o investimento do sector privado assume um papel fundamental no desenvolvimento e na concretização dos objectivos enunciados. Citando ainda o exemplo espanhol, no período de duração do III Plano de Desarrollo (1972-75), a iniciativa privada contribuiu com um acréscimo de mais de 250.000 camas diárias na hotelaria, para atender à procura prevista.

E, em 1975, previa-se que a Espanha dispusesse de uma oferta hoteleira da ordem das 800.000 camas diárias.

Por outro lado, nem só de pensões e hotéis se compõe a oferta de alojamento. Os meios complementares ocupam igualmente um papel importante. Parques de campismo, hospedarias, casas particulares e apartamentos, necessitam igualmente de programar e integrar o seu incremento.

Tudo isto, é claro, revela e exige uma premissa fundamental: a confiança do sector privado. Não se poderá esperar o estímulo da iniciativa privada, com a manutenção de determinadas leis que regulamentam negativamente o trabalho e o investimento, e que desmobilizam o interesse dos empresários e investidores.

Sem recuperar a confiança destes parceiros sociais, é impensável qualquer recuperação dos agregados económicos. Por outro lado, defende-se a iniciativa, sim senhor, como sector de arraste da economia, mas dentro de regras e leis do jogo minimamente definidas. Cartas na mesa.

Não mais os planeamentos privados, as cotadas de influências enormes sobre o poder. Acima de tudo, há que reencontrar o equilíbrio da balança, a tolerância e a vontade de construir da qual todos parecemos afastados já se vão acumulando alguns anos.

A divisão, a clibite política, o ódio cego, os recalamentos individuais à flor da pele de cada um de nós, encaminham este País para a cauda de um comboio que não pára, e do qual, quem se apear, estará irremediavelmente perdido, inexoravelmente enterrado num passado de frustração. Estaremos à beira do fim? Não vamos crer. Não vamos.

JOSÉ MANUEL MENDES

Concurso de Escanções no Algarve

No passado dia 14, efectuou-se em Faro, na Escola de Hotelaria e Turismo do Algarve, o 1.º Concurso de Escanções, Fase Regional do Algarve que servirá de apuramento para o 1.º Concurso Nacional de Escanções a realizar em Lisboa no dia 30 do corrente.

O júri era composto pelos seguintes elementos: Francisco Esteves Gonçalves — Presidente da Associação de Escanções de Portugal, José Bernardino Carriho Costa e Jaime Alves, também da Associação de Escanções; eng. António Júlio d'Alpim, da Junta Nacional do Vinho e Victor Ponte Fernandes, Técnico Provedor da J. N. V. Secretariou o referido concurso D. Maria Luísa Lavadinho da J. N. V. e D. Rosa Heitor, da Associação de Escanções.

Concorreram os seguintes profissionais escanções: José Mário dos Santos Valente e Francisco da Conceição Paixão, do Hotel Dona Filipa, Marcelino Sá, do Hotel Algarve, Joaquim Caetano Coelho, da Aldeia das Agoteias

e Joaquim Faustino dos Santos, do Hotel Alvor. Os três primeiros foram apurados para o Concurso Nacional e aos dois últimos foram oferecidas medalhas comemorativas do referido concurso.

É de salientar que foi este o primeiro concurso do género efectuado em Portugal e que em zonas de forte densidade hoteleira, como sejam Lisboa e Porto, o apuramento regional não se efectuou por falta de número de concorrentes.

O 1.º Concurso Mundial de Escanções irá igualmente ser feito em Portugal, mais concretamente no Casino Estoril em Novembro próximo.

Esta iniciativa foi levada a cabo pela Associação de Escanções de Portugal em colaboração com o Centro Nacional de Formação Turística e Hoteleira e as Escolas de Hotelaria do país.

É de louvar a acção agora lançada que contribuirá para a divulgação do papel fundamental que na Hotelaria representa o escanção,

O ESPECTÁCULO PORTUGUÊS

(continuação da pág. 1)

da pela Secretaria de Estado da Comunicação Social, pelo então Secretário de Estado para a Emigração, Dr. João Lima, pode-se ler textualmente: «O aumento espectacular das remessas dos emigrantes, tem claramente o significado da confiança e apoio que o Portugal de hoje e as suas instituições políticas merecem das comunidades».

Se os nossos políticos de hoje — mais, imensamente mais dos que antigamente — não nos tivessem habituado a uma sistemática fraseologia demagógica, diríamos que o sr. Secretário de Estado estava a sonhar ou que então, o que seria imensamente mais grave, teria perdido todo o sentido das responsabilidades que os deveres da sua função lhe impõem. Não, Sr. Dr. João Lima, os portugueses que trabalham e ganham a vida honradamente no estrangeiro, mesmo aqueles que vieram para cá clandestinamente noutros tempos por lhe ser negado o legítimo direito a um passaporte, nunca tiveram menos confiança nos dirigentes do seu país, do que depois da chamada revolução do 25 de Abril. Se fosse possível fazer um inquérito honesto a esse respeito, o Sr. Dr. João Lima não teria dificuldade a constatar que a maioria esmagadora dos nossos trabalhadores emigrantes, lamentam que o país tenha caído nas mãos de indivíduos sem a menor competência e diríamos mesmo dignidade, para o governar. É preciso não confundir a grande massa dos portugueses que tanto honram o seu país com o seu trabalho honesto, com a orquestração que meia dúzia de lacaios de certos partidos políticos fazem cá fora, embora sem eco, nem base para convencer seja quem for. Essa é a grande realidade. O aumento massivo das economias enviadas para Portugal resulta simplesmente e nada mais, da desvalorização monstra que o Escudo tem sofrido de dia para dia desde a Revolução de Abril. Nunca em França os bancos franceses, tiveram tão volumoso e grande número de depósitos dos nossos emigrantes, como no presente. Só para compra de casas ou fazer face a deveres de família, leva a nossa gente a enviar dinheio para Portugal. Pelo contrário, a actual situação económica e política do país, preocupa-os grandemente. Até uma grande parte dos que foram definitivamente para Portugal, lamentam hoje não poder regressar ao lugar de partida. Essa é a grande realidade em relação à Emigração.

Infelizmente, repetimos, a atitude do ex-Secretário de Estado para a Emigração — salvo raras e honoríficas excepções — tem sido a regra geral dos homens políticos portugueses que no topo das responsabilidades, dirigem ou pretendem dirigir o país desde a chamada revolução do 25 de Abril. Isso representaria uma grande comédia, senão fosse um incomensurável desastre para a maioria esmagadora dos portugueses. O pior para todos nós, é que toda essa demagogia, essa fraseologia oca e sem sentido, se faz em nome do Povo, da Liberdade e da Democracia. Isso como se esses nobres e elevados princípios, fossem sinónimos de desordem, arrogância e incompetência, que é o espectáculo que o Portugal de hoje oferece, ao mundo inteiro. Só a cegueira partidária, a arrogância e o egoísmo de certos, pode pretender o contrário.

Apesar da orquestração feita na Rádio, Televisão e Imprensa estatizada que outros objectivos parecem não ter que não seja o de intoxicar a opinião pública, usando e abusando de chavões que a experiência demonstrou não terem o menor significado prático, a verdade de acreditar na lengalenga e fanfarronices dos nossos principais políticos e seus acólitos. Esses poderosos meios de comunicação, dado o obscurantismo em que o nosso povo viveu durante cinco longas décadas, deviam ter por missão fundamental, a educação cívica do Povo, sem fanatismo

nem sectarismo, para que o Homem português tenha perfeita consciência dos seus direitos e deveres para com a colectividade.

A democracia não tem, não pode ter como objectivo, manter a mediocridade no Poder, charlatões sem a mínima competência para defender e governar os interesses maiores da comunidade. Uma das primeiras qualidades da democracia, é facilitar a escolha entre os cidadãos de maneira a que sejam os mais competentes a governar. Esse não tem sido até agora o caso português. Basta ver o espectáculo vergonhoso que nestes últimos dias os responsáveis dos partidos, a começar por Mário Soares, deram na Assembleia da República, para que o Povo possa julgar da capacidade e honestidade dessa gente. A maioria desses homens sempre se têm preocupado mais com os seus interesses pessoais, com os interesses dos seus partidos, do que com o interesse do Povo. A História terá fatalmente que os julgar com a severidade que merecem. O exemplo que nos dão, nada tem de democrático e menos ainda de rigor intelectual e moral. Isso repugna mais ao homem probó, quando lhe é dado contemplar que esses senhores, para justificarem os seus actos, a sua incompetência e arrogância, evocam símbolos de civilização, como seja a Liberdade, a Democracia e Justiça que bem pouco têm de comum, com a sua maneira de estar na vida. Só são a Democracia, a Liberdade e a Justiça.

O país, o que não é segredo para ninguém, está de tanga. Se não queremos perder todo o sentido da dignidade nacional e verdadeiramente bater-nos pela construção de uma sociedade autenticamente democrática e civilizada, onde a convivência e fraternidade venham substituir a incompetência e a mentira de hoje, temos que ter coragem, todos e cada um de nós, de dar a nossa contribuição para que a verdade, a cultura cívica e a Justiça se imponham. Sem uma formação cívica de base, isenta de todo o fanatismo sectário, o Homem, qualquer homem, nunca se poderá determinar com conhecimento de causa. Para isso basta dizer que não existe no mundo um só país democrata, que não tenha por base um Povo culto e esclarecido. Que se aponte o primeiro. A base de qualquer democracia é a cultura e, sem cultura, não há democracia, não há democracia que valha. Tudo o que se tem observado em Portugal desde a revolução dos cravos, não tem passado de pura especulação demagógica e isso, com grande prejuízo moral e material para a maioria do Povo. Não basta evocar nobres ideais de civilização, impõe-se antes de tudo ter a honestidade e a capacidade de os pôr em prática. Honestamente, não será assim? As nossas convicções têm por base, cerca de trinta anos intensamente vividos ao contacto com instituições dum dos países mais democráticos do mundo civilizado.

FALECIMENTO

Faleceu em Lisboa, onde há muito tempo fixara residência, a nossa conterrânea sr.ª D. Maria de Sousa Leal Careto Bota, viúva do sr. Abílio Martins Bota, de 67 anos de idade.

A saudosa extinta era mãe da sr.ª D. Ruth Maria Leal Careto Bota, arquitecta em Oeiras e da sr.ª D. Magda Maria Leal Careto Bota, analista biológica em Lisboa e nossas conterrâneas e irmãs das sr.ªs dr.ª D. Raquel Careto, D. Clementina Leal Careto Marques, D. Lídia Leal Careto Almeida, D. Fernanda Leal Careto Pardo e de D. Maria Isabel Leal Careto Faria. A extinta deixa 5 netos. O funeral realizou-se no dia 16, saindo da igreja de São João de Deus para o cemitério do Lumiar em Lisboa.

A família enlutada apresenta sentidas condolências.

HAJA MISERICÓRDIA para com a Misericórdia de Loulé

(Continuação da pág. 1)
gos, a solicitar a participação de todos, independentemente das suas convicções religiosas, sob a forma regular de quotizações.
É de esperar, portanto, que ante a este apelo tão veemente, a população do Concelho de Loulé, não tarde a corresponder, da melhor maneira, ao anseio da Comissão Administrativa: o de apresentar quanto antes obra acabada, a qual tem jus à boa compreensão de todos.

HÁ QUE MINORAR OS DANOS CAUSADOS PELO ESTADO

Temos a impressão (pessoal) que o tratamento dispensado pelo Estado às Misericórdias Portuguesas, no biénio 74-75, se filiou, entre várias motivações socializantes, à noção sócio-filosófica, muito difusa e ambígua, do «caritativismo» tomado, segundo o parecer de certos compêndios em voga, no sentido da simulação da verdadeira generosidade. O «caritativismo», na expressão dos neoracionalistas, não passa de certo tipo de fachadismo, com o qual se mascara o quinhão supérfluo, as sobras caídas da mesa dos ricos na mão dos pobres.

Se bem que o «caritativismo» não deixe de conter forte conteúdo acusativo, explicado pelas sociedades farisaicas, mentalmente pragmatizadas e hedonistas, essa interpretação não se ajusta, nem por sombras, às Misericórdias Portuguesas, que semearam pelo País fora, durante séculos a fio, hospitais destinados a gente de mínguas poses, chegando a assistir e a aplacar sofrimentos a largos sectores populacionais, nomeadamente, ao meio rural, onde o sistema de saúde estatal não demonstrou qualquer hipótese de viabilidade e de penetração.

Entretanto, por via de novas concepções aglutinadas ao projecto do Serviço Nacional de Saúde, os hospitais pertencentes às Misericórdias passaram, por força compulsiva de decretos, a integrar o património do Estado.

Ficaram, portanto, as Misericórdias Portuguesas, espoliadas dos seus hospitais, criados sabe-se lá com que estoicas cruzadas de bem-fazer e com que devotamento ao próximo!

Passados que foram os primeiros momentos de perplexidade, de consternação e aturdimiento, a União das Misericórdias Portuguesas,

tocaram por fim a rebate e, em Assembleia Geral, analisaram a situação a que tinham sido remetidas, tendo na ocasião lavrado diversas moções que foram endereçadas a competentes membros do Governo.

Retemos e extractamos um dos pontos insertos naqueles documentos:

«Permanecendo um extenso contencioso entre o Estado e as Misericórdias porque este ainda as não indemnizou dos bens que, abusivamente, lhes ocupou e também, porque as verbas que lhe atribuiu, pelos serviços prestados, estão longe de serem justas, apela para S. Ex.^a o Senhor Secretário de Estado da Segurança Social para que seja iniciado e aberto diálogo que permita um rápido e correcto estudo dos problemas existentes e uma condigna solução de todos eles».

Supondo que realmente por diligências da União das Misericórdias esse diálogo tenha sido entabulado, a verdade é que até agora o diálogo (que se pretendia rápido) se prolonga ou foi interrompido (?), não se conhecendo ou vislumbrando qualquer avanço visível e positivo.

Isto é o que pressupomos da leitura do comunicado emitido pela Misericórdia de Loulé, que a certo passo diz:

«Algumas quantias em dinheiro, penosamente angariadas em batalhas de flores e depositadas à ordem do provedor em vários estabelecimentos bancários foram indevidamente gastos no hospital já depois da oficialização do mesmo e portanto em época em que dependia unicamente do Estado. Temos esperança que esta importância que ronda os três mil contos nos seja superiormente devolvida mas até lá precisamos de viver».

Quer isto dizer, muito laconicamente traduzido, que os dinheiros privativos da Misericórdia de Loulé, cerca de 3 mil contos, foram consumidos desordenadamente por um hospital do Estado!

Há esperanças na sua devolução, mas também há quem não tenha a mínima esperança...

Sucede, todavia, que a Santa Casa da Misericórdia de Loulé, prossegue com desvelo a sua nobre missão e projecta de princípio e num futuro próximo, abrir um centro de dia para a 3.^a idade, mais tarde outros centros mais e lares também.

Consta-nos que para o primeiro caso conta já com casa alugada, a qual já beneficiou de obras de adaptação.

O seu funcionamento, ao que procurámos averiguar, depende da aprovação do quadro do seu pessoal por parte do Ministério dos Assuntos Sociais e da aquisição do respectivo recheio.

Na verdade a Comissão Administrativa tem pressa de apresentar obra feita, mas não será menos exacto que tal desiderato está a ser muito coarctado pelas dificuldades financeiras a que, naturalmente, não é estranho o esbulho a que foi sujeita.

Achamos que já é tempo do Estado considerar em termos concretos a situação da Misericórdia de Loulé e de assumir as responsabilidades que lhe cabem embora herdadas das legislaturas anteriores...

«O seu a seu dono», eis uma máxima de direito que só terá de paradoxal se não for cumprida.

J. C. VIEGAS

REMODELAÇÃO DA CRECHE E DO JARDIM DE INFÂNCIA DE LOULÉ

(continuação da pág. 1)

promover uma nova organização dos sanitários para crianças.

Embora se entenda que os «espacos exteriores» se encontram em estado razoável, é concludente que a carência maior reside na falta de aparelhos de recreio.

Assim, para a área de 2.500 metros quadrados, a quanto monta a superfície descoberta, está prevista a instalação de aparelhos de recreio, piscina e de um parque para iniciação desportiva.

A inovação do parque de jogos,

MISSA

4 ANOS DE SAUDADE

MATEUS DE SOUSA

GONÇALVES CACHOLA

Seus pais recordam com saudade a data triste que assinala o 4.^o aniversário da morte do seu ente querido e comunicam a todas as pessoas amigas e de suas relações que no próximo dia 9 de Outubro, pelas 19,15 horas, será rezada missa na Igreja de S. Francisco pela alma do seu saudoso extinto.

Antecipadamente agradecemos às pessoas que se dignem assistir a este piedoso acto.

VENDE-SE

Uma forgoneta em bom estado de conservação de caixa aberta, F. K. — 1250. Tratar na Praça da República, 58, em Loulé.

Concurso Hípico Internacional da Penina

(continuação da pág. 1)

Presentes os mais categorizados nomes do hípismo português e alguns notáveis concorrentes de países estrangeiros, especialmente da Espanha e Grã-Bretanha.

Eis os resultados mais destacados das provas realizadas no decurso do X Concurso Internacional de Saltos na Penina:

Dia 5 de Setembro — Prova da Federação Portuguesa para Cavalos de 1.^a Categoria

1.^o — «Primoroso», com Vasco Picão Fernandes.

Dia 6 de Setembro — Prova «Clube de Golfe da Penina»

1.^o — «Gábia», com o capitão Balula Cid.

Prova «Casinos do Algarve»

1.^o — «Ribamar», com o capitão Pimenta da Gama.

Dia 7 de Setembro — Prova da Federação Portuguesa para Cavalos de 4.^a Categoria

1.^o — «Pé-a-Pá», com o alferes Rolo Duarte.

Prova «Derby do Algarve» Comissão Regional de Turismo do Algarve)

1.^o — «Ribamar», com o capitão Pimenta da Gama.

Dia 8 de Setembro

Prova «Penina»

1.^o — «Ribamar», com o capitão Pimenta da Gama.

Prova «Sandeman»

1.^o — «Mon Palais», com o tenente coronel Carlos Campos.

Dia 9 de Setembro

Prova «Pepsicola»

1.^o — «Heer», com Teresa Ferreira dos Santos.

Prova «Grande Prémio da Penina» (Direcção Geral de Turismo)

1.^o — «Ribamar», com o capitão Pimenta da Gama.

Dia 10 de Setembro

Prova «Tuborg»

1.^o — «Night an Day», com José Franco de Sousa.

IV Campeonato de Salto em Altura

1.^o — «Titânia», com o tenente coronel Marques Pereira.

O júri atribuiu os seguintes troféus especiais:

— Prémio da Câmara Municipal de Portimão, (para o cavaleiro melhor classificado no conjunto das provas) — ao capitão Pimenta da Gama;

— Prémio Lord Robert (oferecido pelo brigadeiro Henrique Calado ao cavaleiro português com melhor pontuação montando o mesmo cavalo) — ao capitão Pimenta da Gama, no cavalo «Ribamar».

Prédios em Faro

Vende-se um prédio situado na Rua Dr. Emiliano da Costa, com 7 divisões e outro na R. Actor Nascimento Fernandes, com 6 divisões e quintal.

Trata na Junta de Freguesia de S. Sebastião de Loulé.

PROPRIEDADE

VENDE-SE, de boa terra de semear composta de amendoeiras, figueiras, oliveiras e alfarrobeiras.

Informa na Rua Condestável D. Nuno Álvares Pereira, n.º 3 ou na R. do Matadouro, 4 em Loulé.

EMPREGADO

PRECISA-SE

De 13 a 15 anos.
Nesta redacção se informa.

PROPRIEDADE

COMPRA-SE

Propriedade rústica de preferência inculta, com mais de 20 hectares, compra-se, de baixo preço, entre Loulé e Vila Real de S. António.

Nesta redacção se informa.

VENDE-SE CARRO

Peugeot 404, diesel, em bom estado.

Nesta redacção se informa.

COMUNICADO

O STAND AVENIDA, com sede na Avenida José da Costa Mealha, 44 — Telef. 62482, em Loulé, comunica que foi nomeado, pela firma RODOVIL, do Porto, agente oficial da marca ISUZU, para o Distrito de Faro, passando a partir desta data, a efectuar os serviços de assistência e venda de peças da referida Marca.

(4-1)

ADMITE-SE

Importante Empresa de Pesticidas admite um técnico para trabalhar na Região do Algarve.

Enviar Curriculum Vitae ao n.º 26 deste jornal.

(2-1)

J. C. V.

Quando um Partido Comunista exige eleições

Quem conhece as cidades escravizadas em máscaras metálicas, arames farpados, hospitais psiquiátricos e campos de concentração, tem uma ideia do que é ser governado por um senhor sisudo, deputado único de assembleias enlatadas, ministro só de casas abotoadas, um senhor doutor formado nos ofícios da burocracia, canudo requerido com papel selado a Bem da Nação.

Discursos de ponto e vírgula prometendo mundos e fundos ao operário em construção de olhos tapados, ao camponês empenhado a terra com seu suor, ao abandonado e longe dos banquetes dos parasitas, são alicerces e andaimes para construir o tal Casarão de planos obscuros, onde o único governador regula e sinaliza a placa da fome sangrenta, do campo dos mártires, dos fuzilamentos de quem não come a açorda a vida inteira.

Quando um Partido Comunista exige eleições, apregoa a democracia e a liberdade, anda nas ruas com as suas grafonolas beijando os pobres e as crianças, é porque os cabos e as roldanas da ditadura cruzam-se e vibram nas quinas da fúria, espreitando a hora de preparar o salto e medir a distância. Primeiro o disfarce em gritos de verdade e de razão aproveitando o descontentamento popular, depois a mordada e a corda ao pescoço dos falhados que apoiaram inconscientemente a tirania e as algemas.

Há muitas criaturas bem intencionadas que engolem o punho que se ergue, a foice e o martelo, indivíduos de pensamento em brasa, revoltados com uma situação recalcada, medíocre, mas que esquecem que ainda podem ao menos manifestar-se que têm fome ao contrário das cadeias e da violência dos regimes totalitários.

A cicatriz e a verruga dos sistemas de grades e símbolos de todas as maldades, as razões e as verdades queimadas, os espí-

ritos alterados, constituem uma navalha de gumes no coração daqueles que ainda sentem a perfeita harmonia de um amigo, de uma ideia livre, de uma mesa bem repartida.

Quando um Partido Comunista exige eleições e boicota as mesmas, proibindo a livre expressão, a livre reunião e associação, é porque cada partícula repressiva que sustenta o regime é a explosão de uma fera esfomeada ampliando a atmosfera de suicídios, proibindo um simples cigarro aceso do cidadão nervoso.

Vêm ao televisor com palavras e canções de luta comerciais espetadas nos dentes, organizam comícios de poetas e manifestações de flores, proclamam a necessidade da distribuição do trabalho, cozinham, falam, cantam, lamentam com objectivo único de se instalarem no Poder e transformarem as promessas prometidas no suicídio público no arraso às fábricas e às sessões culturais.

Mas há a esperança que tudo envelhece e talvez as roscas dos senhores metálicos com seus ri-

ços práticos, nojentos da política explorando o patriotismo, se transformem em folhas mirradas pelo tempo sem cuidado. A valentia, a dourança, as fardas incómodas, as botas que nos intriguam, as faces pintadas de um vermelho de Inferno segundo as previsões dos mais optimistas serão derrubadas pela raiz humana das almas que sabem ler sinais e corações, raciocinando os pessimistas que uma banda tamanha, a língua dos canhões e das pistolas, acabarão de uma vez com esta peça de chita que é o mundo.

Quando o Partido Comunista exige eleições e as profecias de Bandarra rezam de que perto está o fim, eu fico na minha:

— A liberdade de um jantar ce-dinho, de um postal aberto à namorada, de uma bebida com um amigo, enquanto é tempo, livra-nos da retrete que o mundo é, dos peles vermelhas e do chicote. Mais vale ignorar a derrota do mundo e deixar crescer os cornos da civilização!

Luís Monteiro Pereira

A Festa do «Avante» no Jamor

Como é bom ser comunista num país livre...

«O Alentejo deve estar vazio», afirmava-nos com um certo sentido crítico e alguma dose de humor o motorista do táxi que, prudentemente, tomamos para o Vale do Jamor no passado fim-de-semana. E acrescentava, entusiasmado: «Os srs. não imaginam: durante todo o dia e noite não tenho feito outra coisa senão transportar «camaradas» para o Jamor. Só da Reforma Agrária deve ter vindo este mundo e o outro» (risos).

Ali estava uma informação que convinha registar. E que facilmente confirmámos. Realizada pela terceira vez consecutiva desde o 25 de Abril, a Festa do «Avante» é o maior acontecimento social e cultural levado a cabo pelos comunistas portugueses e a única do seu género em Portugal. Aqui, está bem patente toda a capacidade de organização e militância de milhares de membros e simpatizantes, artistas e intelectuais que (alguns deles) fazendo coincidir as suas férias com o período de construção desta autêntica cidade, com cerca de 30 hectares de área a construíram, recuperando o terreno ao matagal que ali cresce durante o ano. Só com o seu trabalho foi possível pôr de pé este enorme complexo, preparado para receber, durante três dias, muito mais de meio milhão de visitantes, a dar crédito aos cálculos oficiais.

A primeira sensação de quem, pela primeira vez, como eu, chega ao Vale do Jamor e se depara com tamanha realização, é de espanto. E fica-se nisto por minutos. Depois é o contacto com dezenas de «stands», de jornais estrangeiros e portugueses, de livros, de artistas, de juventude; com pequenos «quiosques» de «comes e bebes» aos milhares, com restaurantes servindo especialidades regionais e internacionais (de países socialistas). Quatro palcos «servem» variedades portuguesas e estrangeiras, ginástica, folclore, canção revolucionária, dança, música, muita música. Vinte e oito órgãos centrais de partidos estrangeiros fizeram-se representar. São também numerosas as representações de ginastas e artistas de países socialistas.

Na Praça das Nacionalizações,

ali próximo da rua Catarina Eufémia, um grupo de jovens canta a «Internacional». Tínhamos há pouco acabado de ouvir os últimos acordes da voz quente e rouca de Eugénio Finardi, e as pessoas refrescavam-se, na noite morna, com vinho servido por «camaradas» da Reforma Agrária. Havia também presunto (ótimo), queijo e outras especialidades, para venda. Nos «stands» de cultura havia livros e sessões de autógrafos. Na madrugada, já presente, Ary dizia poesia revolucionária no Palco Um. A Festa do «Avante», a terceira, era já uma glória para os seus organizadores. Tal como Dias Lourenço, director do jornal tinha afirmado, esta «é a maior festa do ano. Outra não há em Portugal».

E uma dúvida me surge então: o que fará correr estes milhares de militantes comunistas? Será a força da sua ideologia o único motor capaz de impulsionar uma tão grande manifestação de alegria? Porque não assistimos, então, nos países onde o Comunismo é já uma realidade, a idênticas manifestações populares, onde é inegável a participação de todos, o entusiasmo, a alegria? Por que razão serão os PC ocidentais capazes de mobilizar toda a sua força para realizações deste tipo, em contraste flagrante com a apatia revelada pelos cidadãos dos países de Leste para com manifestações semelhantes? Será o desencanto a resposta?

Errado ou não, o nosso raciocínio é forçosamente influenciado pela realidade que sabemos existir dos dois lados da «fronteira». Aqui, como em Espanha, França, Itália, os comunistas celebram, espontaneamente, com alegria e em liberdade, a sua festa. É um dos seus direitos.

Um cálculo aproximado dos custos desta realização é um ponto difícil e perigoso de abordar, só do conhecimento dos «deuses» (do Comité Central). Se bem que alguns representantes de países socialistas aqui se tivessem deslocado gratuitamente, há que contar com o preço das suas deslocações, por vezes numerosas. Um artista de «jazz» estrangeiro comentava publicamente que só a sua viagem custava pelo menos 50 contos. Além disso, ha-

Homenagem

ao Dr. Mário Lyster Franco

(Continuação da pág. 1)

contro em sua casa, invocando, entre outros, motivos de saúde. Não deixou, por isso, de alcançar o acto todo o significado pretendido. Representando a Casa do Algarve e o GEA todo o pensamento a todos os algarvios que, por por obras têm sabido honrar esta região, dir-se-ia que, naquele pequeno grupo que se deslocou a casa do Dr. Mário Lyster Franco, ia todo o Algarve em homenagem.

Diversos telegramas, um deles do próprio Governador Civil, foram os primeiros a chegar. Na breve cerimónia, Joaquim António Nunes, Presidente da Direcção da Casa do Algarve, fez a entrega ao homenageado de um diploma de sócio honório daquela casa regional, tendo o Dr. Alberto Iria feito a leitura de uma plaqueta evocativa do acto. Por fim, João Braz, da Direcção do Grupo de Estudos Algarvios, recordou, em verso, o dia em que nascera a ideia desta homenagem.

O Dr. Mário Lyster Franco, modestamente, teve palavras de mui-

to apreço quer para com os presentes, quer para com todos aqueles que, sem terem nascido de meios intelectuais, fizeram-se a si mesmos, honrando e elevando a sua terra. E, entrevistado pela rádio, diria, mesmo, não se considerar digno de tal homenagem.

Mário Lyster Franco, a quem o Dr. Alberto Iria voltaria a chamar «o algarvio n.º 1, isto é, o algarvio cem por cento algarvio, que tem hoje o Algarve, pois ele «traz de há muito o Algarve na vivacidade da sua inteligência; no mais fundo do seu coração, na constância e lealdade do seu pensamento; na sua comprovada e construtiva actividade; e, de modo público e notório, no brilho inconfundível de oradores de alta estrofe e no fulgor da sua pena de brilhante escritor, como arqueólogo, historiador, humanista e benemérito, bibliógrafo e bibliófilo».

O semanário «Correio do Sul», de que é director e principal colaborador desde há muitos anos, passou desde então a ser o verdadeiro arquivo da cultura algarvia, onde ocupa inestimável lugar. Mas não é só no seu jornal que Lyster Franco vem deixando registado todo o conhecer contemporâneo algarvio. Abarcando mais de 1100 nomes de algarvios ou de escritores de outras regiões que hajam escrito sobre o Algarve, a sua «Algarviana» é, sem dúvida, a mais importante obra jamais escrita no Algarve, mesmo obra ímpar no panorama cultural português.

No final desta significativa homenagem, teve o Dr. Mário Lyster Franco a promessa da Casa do Algarve e do Grupo de Estudos Algarvios de que iam incluir nos seus planos de actividades para 1979 a edição daquela obra monumental. Para tal, vão ser contactadas as várias entidades responsáveis pela cultura e pelo desenvolvimento do Algarve, esperando-se a sua maior colaboração para que possa ser finalmente editada a «Algarviana».

Rali do Algarve de 1978

(continuação da pág. 1)

de consagrados volantes nacionais, estarão presentes relevantes nomes internacionais, assim como franceses e belgas.

Como é de compreender, uma vez que as inscrições encerram a 11 de Outubro próximo, é de admitir que ainda venham a verificar-se novas inscrições de mais volantes de nomeada.

Por outro lado, o Rali do Algarve que em 1972 merecera da Federação Internacional de Automobilismo o coeficiente 1, granjeou este ano o coeficiente 2, que proporciona ao Raci Clube de Silves a recompensa dos seus porfiados empenhos postos ao dispor da causa automobilística e do turismo desta província.

A. P.

De «O Tempo»

MELO ANTUNES ATACADO... COM PALAVRAS

Não somos partidários do insulto ou da violência. Mas cada um tem as suas razões, para, por vezes, agir incontroladamente.

Melo Antunes que a cidade conheceu em estudante veio a Távira passar alguns dias de vigília. Tem esse direito assim como todos os que trabalhem e possam dispor de algum tempo e dos mínimos maíus.

Num restaurante, reconhecido, apesar da sua natural intenção de se manter no anonimato, foi invectivado de forma violenta por uma senhora obrigando o conselho da Revolução a apelar para as autoridades, que acalmaram um pouco os ânimos, embora não antes de muita gente se ter reunido à volta do acontecimento.

Tratava-se de pessoa deslocada de Angola. Que passou à condição de retornada, para, por vezes, agir incontroladamente. Melo Antunes que a cidade conheceu em estudante veio a Távira passar alguns dias de vigília. Tem esse direito assim como todos os que trabalhem e possam dispor de algum tempo e dos mínimos maíus.

Não somos, como se disse, partidários do confronto violento e do insulto. Mas os acontecimentos que tiram a uns tudo quanto têm e dão a outros ordenados de ministro, motorista e carro à ordem, deixam, certamente, marcas no espírito de quem sofreu tamanha punição e o não merecia.

C. R.

(Do jornal «O Távira»)

VISITA AO ALGARVE DO VICE-CÔNSUL AMERICANO

No exercício das suas funções visitou o Algarve nos dias 27 e 28 do corrente o Vice-Cônsul Americano, Michel E. Ranneberger, tendo ficado hospedado no Hotel Balaia, em Albufeira, onde recebeu compatriotas seus, residentes naquela zona.